

Colaborador ou Protagonista? A Trajetória de Padre Francesco Bonato junto aos E/Imigrantes Italianos do Vêneto (1853-1913)

Collaborator or Protagonist? The Trajectory of Father Francesco Bonato together with the Italian E/Immigrants from Veneto (1853-1913)

Fábio Luiz Machioski¹

Diego Gabardo²

RESUMO: Este artigo narra a trajetória de Francesco Bonato, um padre oriundo do Vêneto, norte da Itália, que se estabeleceu na região de Curitiba, Paraná, em 1888. Ao investigar o percurso trilhado por esse sacerdote católico, almejamos evidenciar o que levou esse representante do clero rural italiano a acompanhar o êxodo dos seus conterrâneos para a América. Para isso, apoiamo-nos na proposta metodológica conhecida como microanálise, modelo consagrado pela micro-história. Nosso intuito, foi focar nos detalhes para perceber quais foram os conflitos vivenciados pelo referido sujeito histórico e que, consequentemente, pautaram suas escolhas e ações antes e depois de emigrar. Com a ajuda dos conceitos de mediador (Grendi e Levi), excepcional normal (Grendi e Ginzburg), intelectual orgânico (Gramsci) e poder simbólico (Bourdieu), analisamos um conjunto de fontes, composto de fotos, documentos, cartas e memórias, e pudemos inferir quem foi o personagem investigado, percebendo se o mesmo assumiu um papel de simples colaborador ou de protagonista no contexto e/imigratório.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória; Padre Francesco Bonato; E/Imigração Italiana.

ABSTRACT: This article narrates the trajectory of Francesco Bonato, a priest from Veneto, northern Italy, who settled in the region of Curitiba, Paraná, in 1888. When investigating the path taken by this Catholic priest, we aim to show what led this representative of the Italian rural clergy to accompany the exodus of his countrymen to America. For this, we rely on the methodological proposal known as microanalysis, a model enshrined in microhistory. Our intention was to focus on the details to understand what were the conflicts experienced by the referred historical subject and, consequently, guided his choices and actions before and after emigrating. With the help of the concepts of mediator (Grendi and Levi), exceptional regular (Grendi and Ginzburg), organic intellectual (Gramsci) and symbolic power (Bourdieu), we analyzed a set of sources, composed of photos, documents, letters and memories, and we were able to infer who was the character investigated, realizing if he assumed the role of simple collaborator or protagonist in the e / immigration context.

KEYWORDS: Trajectory; Father Francesco Bonato; Italian E/Immigration.

Introdução

O presente artigo se ocupa de uma temática cada vez mais frequente nos estudos migratórios: a análise da trajetória de indivíduos imigrantes por meio da redução de escala. Esse aporte teórico-metodológico, chamado de microanálise, como é proposto

¹ Doutorando em História junto ao PPGHIS da UFPR pela linha pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. Pesquisador do Centro de Estudos Vênetos no Paraná (CEVEP). fabiomachioski@gmail.com

² Pós-graduando em Antropologia Cultural pela PUC-PR. Pesquisador do Centro de Estudos Vênetos no Paraná (CEVEP). Membro das Associações Italiana Padre Alberto Casavecchia e Veneti nel Mondo-Colombo. diegogabardo@gmail.com

por historiadores italianos, desde o último quarto do século XX, tem contribuído para a renovação das investigações historiográficas sobre certos temas, pois tem apontado para novas formas de abordagem. Nessa direção, a escrita de biografias e trajetórias ganhou novo impulso, na qual histórias de vida de indivíduos são visitadas para entender processos históricos amplos.

A nova biografia, se assim se pode chamá-la, entende que homens e mulheres são dotados de racionalidade própria, ainda que limitada, e possuem horizonte de expectativas e possibilidades em constante mudança e, acima de tudo, que a vida deles não está dada desde o início; ou seja, a vida, seja ela de quem for, é marcada por indeterminismos resultantes de situações políticas, econômicas, religiosas, comunitárias, etc. que fogem ao controle pessoal, mas é com base nessas situações que eles, sujeitos históricos, devem fazer suas escolhas. Resumindo: a biografia atual problematiza as histórias particulares, relacionando-as e não as isolando da história geral. Esse procedimento está permitindo aos historiadores vislumbrar novos sujeitos, porque analisados em interação com diferentes e complexos contextos. (KARSBURG, 2015, p. 33.)

Especificamente sobre a imigração e colonização no Brasil, a micro-história tem proporcionado novos questionamentos e problemáticas, nas quais os indivíduos que migram passam a ser vistos como sujeitos ativos e protagonistas dentro de um fenômeno macro, como foi o deslocamento da grande massa de camponeses do norte da Itália para as terras brasileiras, no final do século XIX. Ao contrário da história tradicional, que realizava uma abordagem laudatória, na qual o imigrante era classificado como herói ou vítima, os estudos recentes têm apontado para a possibilidade de escolhas subjetivas dentro da mobilidade transoceânica, como também para as estratégias familiares, para as redes sociais estabelecidas durante o processo migratório e a constituição de memórias e identidades, individuais e coletivas, nos locais de colonização.³

Como exemplo de pesquisa que se pautou na microanálise para ser desenvolvida, e cuja leitura nos influenciou bastante, podemos citar o trabalho de Maíra Vendrame. Esta historiadora, ao investigar a causa da morte de um padre em uma colônia no Rio Grande do Sul, narra a trajetória de alguns imigrantes, analisando suas ações, desde o norte da

³ Dentre esses estudos sobre imigrantes italianos, que valorizam a microanálise, podemos destacar os de PEREIRA (2008) e CARVALHO (2009) no estado do Rio de Janeiro e os de VENDRAME (2007) e (2016) no Rio Grande do Sul.

Itália até o Brasil. Em seu trabalho, a pesquisadora demonstrou o papel ativo dos camponeses italianos ao organizar a própria transferência para a América. E o que é ainda mais caro para nós, é que em sua análise, a autora demonstra que a escolha de abandonar a terra natal era um projeto articulado coletivamente, seja pelo grupo familiar ou por aquele formado por laços de vizinhança e/ou de compadrio. (VENDRAME, 2016).

Portanto, o que estamos almejando, ao narrar a trajetória do padre Francesco Bonato, sacerdote católico que imigrou para o Paraná, em 1888, não é só investigar as suas ações particulares, mas também, perceber qual foi o contexto emigratório e as redes de sociabilidades em que o sujeito histórico investigado estava inserido e que, conseqüentemente, o levaram a tomar decisões como as de se tornar padre e, posteriormente, de abandonar o Vêneto para exercer sua missão entre os imigrantes italianos, na América. Em outras palavras, seguindo o conselho de Pierre Bourdieu (2006), estamos procurando nos distanciar dos perigos da *ilusão biográfica*, desejando construir a história de vida de um sujeito dentro do seu contexto. Sendo assim, pretendemos desenvolver a escrita historiográfica por meio de uma narrativa que se aproxime da metáfora da trama de um tecido, na qual o biografado, enquanto fio condutor, possa ser visto em movimento, amarrando diferentes grupos sociais e se entrelaçando na trajetória de outros indivíduos presentes no mesmo processo.

Para isso, vamos nos valer de alguns conceitos que foram apresentados por um grupo de estudiosos, formado, sobretudo, por italianos. O primeiro deles é o de mediador, por meio do qual queremos entender a atuação do padre Francesco Bonato. Esse termo, que foi emprestado da antropologia e trazido para história por meio da abordagem microanalítica proposta por Grendi (1993) e Levi (1985), permite identificar como certos indivíduos, como pensamos ser o caso do sacerdote investigado, podem ser classificados como uma espécie de ponte entre várias unidades sociais que *a priori* estariam desconectadas.

Outro termo útil para nossa análise, é o de excepcional normal, usado inicialmente por Grendi e, posteriormente, aperfeiçoado por Ginzburg. Apesar de ambos pertencerem à micro-história italiana, ao operar este conceito o primeiro faz referência ao documento,

enquanto o segundo, inclina-se a encontrar essas características nos sujeitos históricos (LIMA, 2006). Nós, a exemplo de Ginzburg, pensamos em fazer uso deste oxímoro focando no personagem que investigamos, procurando perceber nele, por meio dos indícios encontrados na leitura detalhada do conjunto documental compilado, tanto excepcionalidades quanto normalidades, para então descrever a trajetória do sujeito real existente entre estes dois extremos.

Vamos nos apoiar também na categoria de intelectual orgânico criada pelo filósofo Antonio Gramsci (1968), que entende que todos os sujeitos são intelectuais. Para esse teórico, o pensador classificado como orgânico é aquele que se mantém ligado à classe social que o originou, atuando como seu porta-voz e nela fazendo a diferença. E por fim, na tentativa de compreender a trajetória do indivíduo histórico faremos uso do conceito de poder simbólico apresentado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1999). Com a ajuda desses conceitos, operamos a análise historiográfica de um conjunto de fontes, composto de fotos, documentos, registros escolásticos, assentos paroquiais, cartas, lembranças escritas e memórias, para assim poder inferir sobre quem foi realmente o personagem investigado, percebendo se o mesmo assumiu um papel de simples colaborador ou de protagonista no seu contexto imigratório.

O papel dos padres nas áreas de emigração do Vêneto

Antes de focarmos na trajetória particular de Francesco Bonato, vamos apresentar rapidamente um pouco do contexto emigratório, mais especificamente, como se deu a participação dos padres no processo de deslocamento ocorrido na região do Vêneto, no final do século XIX. O que queremos evidenciar é qual foi o papel assumido pelo clero do norte da península italiana no período que compreende as décadas de 1860 a 1920, conhecido como a "Grande Emigração", termo cunhado nos anos de 1970, pelo historiador Emilio Franzina.

A sociedade camponesa, das regiões setentrionais da Itália, caracterizava-se pelo trabalho familiar ligado à terra. Por sua vez, a Igreja era a instituição máxima que, com seu representante local, determinava a moral dessa sociedade, por meio de um conjunto de

normas religiosas. Sendo assim, o guia dessas famílias que viviam isoladas no campo não era nem o imperador, nem o intelectual liberal, mas sim o padre da aldeia, o líder religioso ligado à organização Católica Romana e a sua maior autoridade, o Papa (GROSSELLI, 1987, p. 16). De acordo com o historiador Renzo Grosseli, era sob os pilares da terra, família e catolicidade que a sociedade camponesa das regiões do norte da Itália desse período se apoiava.

Uma sociedade, enfim, profundamente permeada de um espírito religioso totalizante que se confundia, até o ponto de identificar-se, com moral e ética social e que, também por essa razão, confiava às estruturas eclesásticas tarefas que iam além da “cura das almas” e que, em última instância, eram também administrativas e, mais ainda, políticas. (GROSSELLI, 1987, p. 15.)

Portanto, a Igreja era para os italianos do campo o que o novo Estado nacional era para a burguesia emergente, ou aquilo que os sindicatos e os partidos políticos passaram a ser para o proletariado do meio urbano. Em outras palavras, era no meio eclesiástico que se encontravam as lideranças, ou seja, o quadro de dirigentes dos camponeses. Para esses últimos, o padre não era somente um representante religioso, mas também um líder intelectual, social e político. Enfim, a moral para essas comunidades rurais era a moral católica, na qual os clérigos eram as verdadeiras autoridades da sociedade. (POSSAMAI, 2004). Nessa direção, na esteira do que apontou Gramsci, acreditamos ser legítimo pensar que o padre da aldeia rural das regiões setentrionais italianas funcionava como uma espécie de intelectual orgânico.

Segundo Franzina, a integração entre padres católicos e o povo camponês acontecia graças às diversas funções desempenhadas por eles, que sabiam agir de modo a equilibrar às relações de classes existentes no campo. Assim, este autor afirma que conseguiam “recuperar, de modo bastante pacífico e seguro, os mais perigosos momentos de subversão camponesa, dentro de uma lógica adequada ao sistema proprietário e burguês (mas depois também capitalista) da economia agrícola vêneta” (FRANZINA, 2006, p. 334).

Dessa maneira, queremos inferir que os padres das aldeias, que eram os que mantinham de fato um vínculo estreito de proximidade com os camponeses, exerceram

uma forte contribuição na divulgação da América como alternativa pacífica para fugir da crise. Assim, “a revolução” que o clero rural incentivava era a recusa da sociedade proposta pelo novo Estado italiano, recém-unificado e com características liberais e anticlericais, por meio da adesão a emigração, que significava a reconstrução da sociedade tradicional em um novo contexto geográfico (GROSSELLI, 1987, p. 17).

Segundo Possamai, o clero rural, ao assumir o papel de legítima liderança desses camponeses, a fim de defender o seu rebanho das ameaças da modernidade e do pensamento liberal, assim como dos abusos econômicos do novo governo, encorajava o êxodo nas áreas campesinas onde atuavam. De acordo com este último autor,

o clero idealizava o Brasil meridional como o espaço onde era possível reconstruir uma sociedade camponesa e clerical protegida do avanço das ideias liberais e socialistas que progrediam na Europa, e os emigrantes sonhavam encontrar na América o país da fartura, onde todos se converteriam em proprietários (POSSAMAI, 2004, p. 47).

Diante dessas afirmações, podemos perceber o quanto a figura do padre estava incutida no funcionamento da sociedade campesina vêneta, e o quanto essa interação podia influenciar as decisões desses homens do campo, como deslocar-se definitivamente para o além-mar. Por vezes, além de incentivarem os seus fiéis, os próprios padres serviam como subagentes de emigração, ou ainda, abandonavam eles mesmos sua paróquia para conduzir seu rebanho rumo à América. Nessas ocasiões, o elo que havia entre o sacerdote e os camponeses se fortalecia ainda mais, aumentando o sentimento de segurança dos emigrantes através da identificação que criavam com a catolicidade por meio da figura do mediador da graça divina que se colocava ao lado deles. Isso é perceptível ao analisarmos a trajetória de Francesco Bonato e a área de emigração de onde ele saiu, sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

Francesco Bonato e a decisão de emigrar

Segundo o assento número 24 do Livro de Batismos da Paróquia de *Oliero* (1847-1871), fração da cidade de *Valstagna*, Província de *Vicenza* (Vêneto – Itália), Francesco Bonato nasceu aos 28 de novembro de 1853, por volta das 20 horas, pelas mãos da

parteira Angela Sasso. Era filho de Nicolò Bonato e Catterina Bonato, casados em 29 de novembro de 1848, na Igreja de *Campolongo sul Brenta*, e habitantes de *Oliero*, na localidade conhecida na época como *Contrà Ponte – Cartari*.⁴ Esse documento nos revela alguns detalhes importantes: o primeiro é o lugar exato onde a família habitava e, o segundo, que marido e mulher possuíam o mesmo sobrenome de solteiro.⁵

A cerimônia do batizado ocorreu no dia seguinte ao do nascimento, 29 de novembro, e foi oficiada pelo padre *Don Angelo Gabardo*, na Igreja do Espírito Santo, em *Oliero*, ocasião na qual recebeu o prenome de seu avô materno. Foram seus padrinhos Bernardino Lovato, de *Campolongo sul Brenta*, que era arrendatário, e Oliva Orlando, de *Oliero*, que era costureira. Essa outra parte do assento de batismo nos informa com exatidão o nome da Igreja que o grupo familiar costumava frequentar para realizar suas obrigações religiosas, assim como dois personagens locais com os quais a família mantinha relações sociais de amizade e de cunho comercial, que justificam o laço de compadrio criado na pia batismal.

Tanto o registro apresentado, que informa sobre o nascimento de Francesco, quanto a ficha de família de seu pai Nicolò, relevam-nos que eram camponeses, ou seja, pequenos agricultores.⁶ Nestes documentos constam como habitantes da *Contrà (Contrada) Ponte*. Já o assento de batismo de Elisabetta (Beta), uma das irmãs mais novas, indica habitarem a *Contrada Cartari*, casa nº 82, que ficaria próximo da divisa entre *Valstagna* e *Campolongo sul Brenta*. Por sua vez, o registro de família afirma que eram nascidos em *Campolongo*, porém moravam na *Contrada Liston*, paróquia de *Oliero*. Mesmo que a família tenha mudado de habitação, fica claro que isso teria ocorrido para outra residência dentro da mesma localidade, pois os documentos são unânimes quanto ao pertencimento à Paróquia de *Oliero*.

⁴ *Libro dei Nati di Oliero* (Livro dos Nascidos em Oliero). Acervo da *Parrocchia di S. Antonio Abate*, 1847-1871.

⁵ Os avós paternos de Francesco eram Antonio Bonato e Elisabetta Lovato e os maternos, Francesco Bonato e Maria Scremin. Ele teve dois irmãos mais velhos e quatro mais novos: Francesca (1849), Antonio (1851), Giovanni (1857), Elisabetta (1860), Antonia (provavelmente, 1862) e Catterina (1865, que morreu logo após o nascimento).

⁶ *Foglio di Famiglia di Bonato Nicolò* (Folha da família de Nicolò Bonato). Acervo da Comune di *Valstagna*, 1905.

Essa informação a respeito do lugarejo onde nasceu e viveu Francesco Bonato juntamente com sua família, é fundamental para entendermos o contexto emigratório que o sujeito histórico que está sendo aqui investigado vivenciou. As localidades e frações citadas, *Campolongo sul Brenta*, *Oliero* e *Valstagna*, situadas entre as cidades de *Bassano del Grappa* e *Arsiè*, nas províncias de *Vicenza* e *Belluno* (Região do Vêneto – Itália), integram uma área conhecida como Canal do Brenta.⁷

Segundo a historiadora Chiara Cucchini (1996/1997), foi nesta zona geográfica que atuou *Don Angelo Cavalli*, um representante do clero rural italiano, que agiu como grande motivador e empreendedor da epopeia emigratória na região. No período de 1871 a 1877, ano em que um grande número de famílias se articulou para deixar o Canal do Brenta, tendo como destino o Brasil, principalmente a província do Paraná, Cavalli foi pároco exatamente da Igreja de *Oliero*, que como vimos anteriormente, era frequentada pela família de Francesco Bonato.

Por sua vez, esse padre católico, também era originário da região e vivia somente a dois quilômetros de distância de *Valstagna*, onde havia nascido 37 anos antes, e onde habitava sua família, fato que explica a sua motivação em participar da seleção que o colocou na liderança da citada paróquia (CUCCHINI, 1996/1997, p. 55). Foi ocupando essa posição privilegiada, que ele se tornou responsável pelo recrutamento de mais de 200 famílias emigrantes do Vale do Brenta, como narra Deliso Villa:

Em 1877, por iniciativa de uma estranha figura do *padre-recrutador* que tinha montado sua central de recrutamento no canal do Brenta, perto de Bassano, haviam sido encaminhados ao Brasil mais de 2000 camponeses daquela área. Formarão um dos primeiros estabelecimentos italianos no Paraná, em Curitiba (VILLA, 2002, p. 117).

Essa leva de colonos tornou-se uma das maiores a se estabelecer no Paraná, pois foi ela que proporcionou a fundação das primeiras colônias de italianos em torno de Curitiba. Porém, o que nos interessa por ora, é que o padre Cavalli exercia a função de pároco junto à localidade de *Oliero*, na *comune* de *Valstagna*, onde residia a família

⁷ O nome dessa área geográfica faz referência ao Rio Brenta, que saindo do *Trentino Alto Adige*, corta toda a região do Vêneto, até chegar ao Mar Adriático, ao sul da lagoa veneziana no nordeste da Itália.

Bonato. Segundo documentação estudada por Cucchini, os camponeses da localidade descreviam esse sacerdote como “*un pastore zelante, assiduo al confessionale, premuroso ad assistere i poveri malati, ogni domenica fa la spiegazione evangelica e il catechismo per i fanciuli e gli adulti con le funzioni di consuetudine*”⁸ (1996-1997, p. 57).

Cremos que ao cumprir com suas atividades, assumindo a condição não só de cura das almas, mas também de líder social, o referido padre diariamente ouvia os lamentos dos seus paroquianos, que devido à situação de dificuldades econômicas pelas quais estavam passando, procuravam alternativas para sobreviver, e buscavam junto ao guia da comunidade alguma orientação. Segundo relata Moletta, a própria família de Angelo Cavalli estava passando por sérios problemas financeiros, fato que levou o sacerdote a fazer algo mais que simplesmente incentivar a partida de seus fiéis em busca de melhores oportunidades: resolveu ele mesmo buscar informações e organizar a emigração dos camponeses da região, decidindo emigrar junto de sua família e seu rebanho (MOLETTA, 2002, p. 40).

Nesse contexto, vivido por esse padre em particular, percebemos claramente que além do impulso missionário, os interesses econômicos também motivaram membros do clero rural italiano a emigrarem junto de seus fiéis. Segundo narra em suas memórias o jovem imigrante vêneto, Julio Lorenzoni, padre Angelo Cavalli atuou como recrutador, a serviço de Claudiomiro di Bernardis. Este último, agente de emigração de *Genova*, havia instruído o sacerdote a arregimentar o maior número de famílias possível. Com esse intuito, Cavalli passou a organizar encontros nas localidades próximas a sua paróquia, descrevendo como se daria a viagem e as vantagens de emigrar, sobretudo pela oportunidade de adquirir terras em solo brasileiro. Sobre essa atuação, Lorenzoni escreve que ele:

...comparava o Brasil a uma segunda Canaã, dizendo que lá a vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho: que superados os maiores obstáculos, depois do primeiro ano de instalação, uma

⁸ Um pastor zeloso, assíduo no confessionário, atencioso em ajudar os pobres doentes, que todos os domingos tem como hábito fazer a explicação do evangelho e ensinar o catecismo para as crianças e os adultos. (Tradução nossa).

família poderia ficar descansada sobre seu bem-estar e prosperidade (LORENZONI, 1975, p. 16).

Acreditamos, portanto, que é facilmente perceptível o grau de influência que a religião teve na emigração vêneta, que por meio da atuação dos representantes da Igreja, sobretudo do clero rural, assumiu um papel de liderança e de direção, diante da negligência do governo italiano para com a situação de empobrecimento dos camponeses da região. Assim, podemos entender melhor o porquê que ao se tornarem imigrantes, a maioria desses colonos, irá desejar, ou ao menos aceitar, negociar a reconstrução da nova identidade social em torno da figura e do discurso de um sacerdote católico. Dessa maneira, as terras da América se tornaram para muitas famílias a opção mais acertada para alcançar melhores condições de vida.

Nesse contexto, afirmamos que a atuação do padre Angelo Cavalli⁹, junto ao Canal do Brenta, com certeza foi fonte de inspiração para o grupo familiar do jovem Francesco Bonato, pois inúmeras vezes ele e os seus, ao participarem da missa, ouviram sermões a respeito da emigração para a América. Tanto é verdade, que entre os que partiram para o além-mar na companhia de Cavalli, estava Francesca, a irmã mais velha do nosso personagem central. De fato, a primeira pessoa da família de Francesco a emigrar foi ela, que, no final de 1877, partiu para o Brasil com seu esposo Antonio Gabardo, com o qual havia se casado, em 1875, e também seu primeiro filho, o pequeno Paolo, com cerca de 1 ano e meio de idade.¹⁰

Em um primeiro momento, o núcleo familiar de Francesca Bonato, assim como todo o referido grupo imigrante, foi colocado pelo governo paranaense na Colônia Nova Itália, que havia sido instalada na cidade litorânea de Morretes. Ali, padre Angelo Cavalli tratou rapidamente de legitimar o seu papel de líder religioso dos colonos italianos, ao assumir a função de capelão da citada colônia, por meio da assinatura de um contrato

⁹ Sobre a atuação do Pe. Angelo Cavalli no Canal do Brenta, conferir VENDRAME, Máira. Em busca da "República de Deus": revoltas camponesas e agentes da emigração no norte italiano (século XIX). Tempo, Niterói, v.23, n.1, p.22-42, 2017.

¹⁰ Relação das famílias que desembarcaram no porto de Paranaguá nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 1877, vindas com o pe. Angelo Cavalli e relacionadas no livro de registro de número 834 do Arquivo Público do Paraná.

com o governo, conforme afirma o expediente da presidência da província do dia 27 de novembro de 1877: “Remeto a v. s., para fins convenientes, a inclusa cópia do contrato feito com o revm. Cavalli Sr. Angelo, para servir como capelão da colônia Nova Italia, em Morretes”¹¹.

Com este ato, o referido sacerdote passou a ser reconhecido oficialmente pelas autoridades provinciais como representante daqueles imigrantes, ao mesmo tempo em que se tornou um funcionário do governo, tendo direito a receber um salário mensal pelos serviços religiosos que prestava a eles. Este último fato, reforça a ideia de que muitos padres, como era o caso de Cavalli, possuíam também interesses econômicos ao emigrar para América.

Defendemos a ideia de que, a vinda desse grupo específico, caracterizado pelo forte apego ao sentimento religioso como fator de identificação e também pelo grande desejo de melhores condições econômicas, determinou a maneira de como se conformaria o futuro da imigração italiana no Paraná. Isso porque esse grupo imigrante, por estar mais organizado, consciente de seus objetivos e contar com a liderança do padre Cavalli, foi o responsável por diversas reclamações e revoltas na Colônia Nova Itália, o que levou os governantes da província a direcionar a implantação dos núcleos coloniais italianos para o entorno da capital paranaense.

Sendo assim, em meados de 1878, depois de permanecer por pouco mais de meio ano na citada colônia em Morretes, a família de Francesca Bonato, assim como a grande maioria dos imigrantes liderados por Angelo Cavalli, fixou-se em definitivo na região de Curitiba, onde foram instalados os núcleos coloniais criados para receber os italianos que não quiseram permanecer no litoral paranaense.¹² Essas famílias, que se fixaram no entorno da referida capital, passaram a manter contato por meio de correspondências com os seus parentes e vizinhos que haviam permanecido na península italiana. Desta

¹¹ DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 5 de dezembro de 1877, nº 1864, p. 1.

¹² Tratam-se das primeiras 5 colônias italianas criadas na região da capital paranaense em meados de 1878: Santa Maria do Novo Tirol (Piraquara), Alfredo Chaves (Colombo), Antônio Rebouças (Campo Largo), Senador Dantas (hoje bairro curitibano do Água Verde) e Santa Felicidade (atual bairro de mesmo nome em Curitiba).

forma, foram responsáveis pela vinda de novos contingentes, oriundos da mesma área de onde esse primeiro grupo coeso partiu, ou seja, formaram, a partir de 1878, uma rede de e/imigração entre o Paraná e as cidades do Canal do Brenta. Muitos daqueles que por inúmeros motivos ou por indecisão não emigraram naquela oportunidade, organizaram-se para fazê-lo com mais segurança, tendo o apoio dos que já haviam se estabelecido em terras brasileiras.

Os camponeses colocaram em prática uma dinâmica autônoma para as transferências das famílias, constituindo uma rede de comunicação que extrapolava e muito o âmbito parental, alcançando pessoas de outras comunidades a fim de buscarem informações entre aqueles que tinham parentes já emigrados (VENDRAME, 2016, p. 29).

Creemos que foi isso que aconteceu com a família Bonato, pois, em 1877, só um dos membros que compunham o referido grupo familiar acompanhou o êxodo. Porém, a partir do mesmo ano, vários indícios demonstram que o mesmo núcleo familiar passou a agir e a se organizar, cogitando a possibilidade de também abandonar a terra natal e se dirigir para a América. Essa mobilização foi articulada principalmente por meio de ações e escolhas tomadas por um de seus membros, o jovem Francesco Bonato.

Nessa direção, entendemos que as experiências vividas pela irmã mais velha e outros conhecidos, somadas ao aumento das dificuldades para se manter no Vêneto, foram fatos que sensibilizaram Francesco, já com seus 24 anos de idade, a ingressar, naquele mesmo ano, no seminário da Diocese de *Vicenza*. Afirmamos, sem dúvida alguma, que o exemplo de Angelo Cavalli e a possibilidade de auxiliar espiritualmente as famílias emigradas, influenciaram Bonato a continuar os estudos com a intenção de abraçar o sacerdócio. No entanto, queremos chamar a atenção para a idade de 24 anos, que já caracterizava um despertar vocacional tardio, por isso, acreditamos que da mesma forma, o fato de não ter conseguido contrair um matrimônio também influenciou fortemente na opção pela vida eclesial. Mas quais seriam os motivos de Francesco Bonato não ter conquistado um casamento e ter desistido de formar um novo núcleo familiar?

Por ora, fica difícil responder a essa pergunta para qual apresentaremos uma hipótese mais adiante, contudo os documentos mostram que ele não desistiu do propósito de se tornar sacerdote. Dessa maneira, de 1877 a 1880, durante os 3 primeiros anos de seminário frequentou o *Liceo Classico*, nos quais teve aulas e superou as provas das seguintes disciplinas: História, Matemática, Filosofia, Grego, Latim, Italiano, Física e História Natural.¹³ Destaque para o ano de 1879, no qual na data de 27 de julho, Francesco Bonato realiza seus primeiros votos e recebe as vestes e tonsura religiosas.

Em meados do mesmo ano, cremos que outro acontecimento serviu como um incentivo a mais para que ele não desistisse do seu projeto: a notícia da morte do padre Angelo Cavalli. Sim, o referido sacerdote, responsável pelo recrutamento e deslocamento de tantas famílias que desembarcaram no Paraná, como também pelo despertar vocacional de Bonato, conseguiu consolar o seu rebanho por um período muito pequeno no novo continente. Um requerimento, de 24 de novembro de 1879, revela que o mesmo já se encontrava morto há alguns meses:

A colona viúva Antônia Cavalli, estabelecida na Colônia Alfredo Chaves, depois da morte de seu filho Padre Dom Angelo e depois de outras funestas desgraças, acha-se hoje na mais horrível miséria... Sendo os filhos da mesma impossibilitados a sustenta-la, por conseguinte, a mesma Antônia Cavalli, humildemente suplica a V. Ex.^a que se digne ordenar que lhe seja concedido um auxílio qualquer, para que possa sustentar uma filha moça...¹⁴

Este último extrato de fonte é muito revelador, pois, além de citar a morte do primeiro líder espiritual dos imigrantes italianos instalados na região de Curitiba, mostra como uma parcela dos parentes dependia financeiramente do salário e dos benefícios que Cavalli recebia ao desempenhar a função de sacerdote. Dessa forma, como já apresentado por Vendrame (2016), passamos a entender que a escolha de imigrar de um padre italiano, sobretudo se pertencente ao clero rural, poderia servir também como

¹³ Foram seus professores nesse período dos anos iniciais os padres: *Davide Mettifogo, Giuseppe Rossi, Luigi Sartori e Giovanni Battista Sacchiero*. Por sua vez o reitor do seminário era *Silvestro Albertini*. *Dati dei registri scolastici dell'Archivio del Seminario di Vicenza, dal 1877 al 1880*. (Dados dos registros escolásticos do Arquivo do Seminário de *Vicenza*, de 1877 a 1880).

¹⁴ Correspondência Oficial da Província do Paraná, Livro 588, p. 57.

estratégia para garantir o início do sustento de todo um núcleo familiar na terra de adoção.

O fato é que a liderança religiosa e social dos colonos vênets estabelecidos na região de colonização italiana do Paraná, havia falecido em maio de 1879, conforme o seu atestado de óbito encontrado no cemitério São João Batista do Rio de Janeiro, cidade na qual o sacerdote havia se dirigido para buscar tratamento para a febre amarela, doença que o levou ao óbito.¹⁵ Com a morte de seu líder espiritual os colonos italianos, instalados nos arredores da capital paranaense, viram-se desamparados, pois, passaram a sofrer com a falta de um padre, e conseqüentemente, tiveram sua vivência da fé católica e seu arranjo social comprometidos, já que dependiam de um sacerdote católico para exercer as práticas sacramentais e organizar a microssociedade que se desenvolvia em torno da religião.

Desse momento em diante a participação nos sacramentos e a atualização da fé desses colonos passou a depender de duas situações: ou da visita esporádica de um sacerdote às colônias; ou da ida à paróquia de Curitiba, que se localizava a vários quilômetros dos núcleos coloniais. Sobre essa realidade se referiu também o padre Giuseppe Martini, em 1908, quando escrevia as memórias dos primeiros anos dos imigrantes italianos do núcleo colonial de Santa Felicidade: “colocados em terras incultas e desabitadas, distantes das cidades e das vilas, pareciam eles estar exilados. Cheios daquela fé que distingue o povo vênets, choravam a falta de igrejas e sacerdotes” (MARTINI, 1908, p. 6).

Temos todas as razões para pensar que a morte de *Don Angelo Cavalli* e, conseqüentemente, a falta de padres, foram comunicadas por meio de cartas enviadas a província de *Vicenza*, ou por sua irmã ou por outros conhecidos, ao então seminarista Francesco Bonato. Assim, acreditamos que o mesmo passou a alimentar ainda mais o

¹⁵ Atestado de óbito de Padre Angelo Cavalli, 29 de maio de 1879. Arquivo do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro. Segundo outro documento encontrado no local, o padre Angelo Cavalli, foi sepultado no mesmo dia no quadro 2 do dito cemitério.

desejo de poder prestar assistência aos seus compatriotas estabelecidos na América, e ao mesmo tempo oportunizar a transferência de toda sua família para o Brasil.

Imbuído dessa esperança continuou sua formação, e de 1880 a 1884, realizou seus estudos teológicos que compreenderam as seguintes disciplinas: História Eclesiástica, Teologia Dogmática, Teologia Bíblica, Língua Hebraica, Introdução aos Livros do Velho Testamento, Exegese do Velho Testamento, Hermenêutica, Língua Grega, Introdução aos Livros do Novo Testamento, Exegese do Novo Testamento, Direito Canônico, Teologia Moral, Teologia Pastoral e Eloquência Sacra.¹⁶ Depois deste longo percurso de estudos, em 29 de março de 1884, foi ordenado sacerdote secular da Diocese de *Vicenza*. Esta data ficou registrada em uma pequena lembrança que recebeu do amigo de seminário Martino Calgaro, na qual se lê: “*Al Sacerdote Novello D. Francesco Bonato. Li 29 marzo 1884. M. Calgaro*”.¹⁷

Compreendemos que essa formação institucional e científica, que se deu nesses sete anos de estudos, e que culminou na ordenação sacerdotal de Francesco, foi o caminho percorrido para que o indivíduo investigado adquirisse e legitimasse seu capital e poder simbólico, tanto perante à instituição religiosa, assim como, e principalmente, diante de seu grupo social. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “o capital religioso depende do estado, em dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a demanda religiosa e a oferta religiosa” (1999, p. 57).

Sendo assim, queremos afirmar que a necessidade por um sacerdote que garantisse a vivência dos sacramentos como bens de salvação e servisse como guia de uma parcela de camponeses vênnetos, conferiu legitimidade ao padre Francesco Bonato na medida em que lhe concedeu poder simbólico. Nessa condição, entendemos que ele assumiu a posição de mediador para esses homens do campo, que eram em sua maioria

¹⁶ Nesta segunda fase, continuou sendo reitor do Seminário de *Vicenza* Silvestro Albertini. Já os professores foram: *Don* Giuseppe Ancetti, *Don* Giorgio de Lucchi, Pietro Rossato, *Don* Antonio Giuriolo, *Don* Andrea Dolzan e Giuseppe Nascimben. *Dati dei registri scolastici dell'Archivio del Seminario di Vicenza, dal 1880 al 1884*. (Dados dos registros escolásticos do Arquivo do Seminário de *Vicenza*, de 1880 a 1884).

¹⁷ Ao novo sacerdote padre Francesco Bonato, aos 29 de março de 1884. (Tradução nossa). Esta recordação, Pe. Bonato trouxe consigo para o Brasil e depois de sua morte ficou em posse da família do Sr. Ney Costa. Acervo da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia de Colombo, Paraná.

iletrados, e que confiavam o destino de suas existências à divindade cristã por meio de um dos seus representantes mais próximos. Da mesma forma, o novo sacerdote passou a ser visto como ponte entre esses simples habitantes das aldeias rurais vênetas com a instituição Apostólica Romana e sua autoridade máxima o papa. Nas palavras do último autor citado, houve um processo de depósito de capital simbólico que conferiu autoridade, pois constituiu o sujeito Francesco Bonato em um legítimo produtor religioso.

A gestão do depósito de capital religioso... e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a conservação ou a restauração do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser assegurados por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos (BOURDIEU, 1999, p. 59).

Assim, acreditamos poder classificar Bonato como uma espécie de intelectual orgânico de seu grupo social, já que pertencendo a ele é legitimado por e para ele, passando a ser reconhecido como uma liderança e porta-voz especializado investido de poder institucional (BOURDIEU, 1999, p. 32 e 33). Porém, por vários motivos, que supomos ser a falta de recursos, o não convencimento ainda de todos os membros da família, a pouca experiência no ministério, assim como a não liberação de seus superiores, Bonato não conseguiu emigrar logo depois de sua ordenação sacerdotal, e o desejo de ir para a América teve que ser postergado por mais alguns anos.

Dessa forma, a situação de precariedade religiosa vivida pela ausência de um padre italiano, designado especialmente para suprir as necessidades espirituais dos colonos dessa origem na região de Curitiba, só mudou a partir de 1886, ano em que um missionário católico, padre Pietro Colbacchini, chegou para colocar em prática seu projeto de atendimento religioso voltado aos vênets instalados nas colônias agrícolas do Paraná. Por sua vez, Colbacchini, que também era de origem vêneta e originário da cidade de *Bassano del Grappa*, ou seja, conhecia bem a realidade do Canal do Brenta, na província de *Vicenza*, narra com as seguintes palavras a sua decisão de emigrar:

Nel mese di Maggio de 1884 mi ritrovava in Feltre a predicare in quella Cattedrale. Un buon Sacerdote di Campo di Quero, località vicina, venne a

mostrarmi diverse lettere che egli aveva ricevuto dai suoi compaesani che si ritrovavano nelle Province di Rio Grande e S. Caterina del Brasile, che lo eccitavano vivamente a portarsi a dar loro l'aiuto del suo ministero. Mi straziarono il cuore i lamenti che in quelle lettere si facevano dell'abbandono in cui si trovavano tanti disgraziati Italiani, e del pericolo in cui si versavano di perdere la loro fede. Da molti anni io aspirava alla missione italiana nel Brasile, ma da una le difficoltà che prevedeva, mi facevano sospendere di realizzare il mio desiderio, e le continue occupazioni di missioni in Italia mi toglievano d'altra parte il tempo ed il modo a pensarvi. Quelle lettere vennero a scuotermi, a togliermi ogni dubbio a decidirmi di andare, ed al più presto.¹⁸

Mais uma vez, notamos que o envio de correspondências era muito recorrente, e que essa prática formou uma grande rede de e/imigração, que influenciou não só a decisão de outras famílias a se dirigirem para o Sul do Brasil, mas também encorajou os membros do clero a se deslocar para as regiões de colonização italiana para nelas prestar assistência religiosa. Fica claro, por meio desta carta específica, que Pietro Colbacchini planejava há alguns anos emigrar para o Brasil a fim de socorrer aos imigrantes italianos do 'perigo de perder a fé', e que não foi uma decisão de momento, mas algo bem pensado.

O acontecimento narrado acima foi somente o empurrão que estava faltando. Isso explica o porquê ele não se dirigiu às províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e nem de Santa Catarina citadas no documento acima, mas sim para a de São Paulo, desejando chegar aos italianos que estavam instalados na província do Paraná, que na época pertencia à jurisdição da diocese paulista. Esse desejo é explicitado por ele em uma de suas cartas dirigidas ao padre Domenico Mantese já enviada de Curitiba: "*Anche prima di partire da Italia avea in mente il Paraná; sapea che là doveano trovarsi molti nostri*

¹⁸ No mês de maio de 1884, eu me encontrava em Feltre, pregando na catedral local. Um bondoso sacerdote de Campo di Quero, localidade vizinha, veio até mim apresentando-me diversas cartas recebidas de seus conterrâneos dispersos nas províncias brasileiras do Rio Grande e de Santa Catarina, os quais lhes pediam insistentemente que fosse até eles para lhes dar o auxílio de seu ministério. Cortaram-me o coração os lamentos que, nessas cartas, faziam sobre o abandono em que jaziam tantos desventurados italianos, e o perigo em que se encontravam de perder a fé. Havia muitos anos que eu aspirava à missão italiana no Brasil, contudo, as dificuldades presentes me levaram a suspender a realização desse projeto, e as contínuas ocupações com missões na Itália me tomavam o tempo e as preocupações. As cartas conseguiram sacudir-me e tirar-me qualquer dúvida, e decidi partir o mais rápido possível. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. *P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901*. Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016, p. 143.

*condiocesani; il mio desiderio era sempre a loro volto*¹⁹. Portanto, defendemos a ideia de que o referido sacerdote, assim como Francesco Bonato, sabia que nos arredores da capital paranaense tinham se instalado imigrantes vênéticos provenientes de localidades da região do Brenta, ou seja, próximas de sua cidade de origem, *Bassano del Grappa*, e que era para esses conterrâneos que ele tinha um projeto particular de assistência religiosa.

Entendemos que, pela proximidade das cidades, Colbacchini não só conhecia Francesco Bonato, como também já sabia do seu desejo de vir para América para assistir aos seus compatriotas. Porém, da mesma forma devia saber que Bonato queria realizar esse propósito associado a outro, que era o de melhorar as condições de vida de sua família, que como vimos, com o exemplo de Angelo Cavalli, era algo recorrente no pensamento dos padres do clero rural da região do Vêneto no contexto da grande emigração. Uma carta, enviada por Colbacchini, em meados de 1887, confirma as nossas suspeitas:

Car.mo D. Francesco

Potete scrivere a vs. padre che non si prenda fastidio per la terra, che con poco denaro ne potrà comprare d'avanzo, oltre quella che formerà il beneficio del Cappellano della Colonia della quale potrà goderne i frutti. Il vs. nepotino sta meglio. I vostri benissimo. [...] Vi mando la grammatica. Per il vocabolario non è tempo ancora. Così gli altri libri che domandaste. Soltanto venendo qui non vi dimenticate la pietra sacra. Stiate col Signore e memento mei.

*V. Aff. in Xto D. Pietro Colbacchini*²⁰

É possível perceber que Bonato estava já se preparando para se deslocar para o Brasil, pois estava inclusive aprendendo o português. Porém, a informação mais importante desta carta se refere ao aborrecimento de seu pai Nicolò em ter que vender seu pedaço de terra para poder emigrar. Desta forma, fica claro que Francesco vivia

¹⁹ Antes mesmo de partir da Itália tinha em mente o Paraná; sabia que lá deviam se encontrar muitos que pertenciam a nossa diocese; o meu desejo esteve sempre voltado para eles. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

²⁰ Caríssimo padre Francesco: Pode escrever ao vosso pai que não se aborreça pela terra, que com pouco dinheiro poderá aqui comprar de sobra, além daquela que será benefício do Capelão da Colônia da qual vai poder aproveitar os frutos. O seu sobrinho está melhor. Os seus parentes bem. [...] Lhe mando a gramática. Para o vocabulário não é tempo ainda. Assim como para os outros livros que me pediu. Na vinda pra cá só não esqueça a pedra sacra. Esteja com o Senhor e minhas lembranças. Vosso irmão em Cristo, padre Pietro Colbacchini. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 33.

algum tipo de dependência familiar, e que tinha como condição para poder se deslocar para o Paraná proporcionar também o deslocamento de sua família, formada por pequenos proprietários de terra. Por saber dessa realidade, é que Colbacchini usa como estratégia de convencimento a ideia de que com pouco dinheiro se poderia comprar uma propriedade bem maior no Brasil. Mais ainda, ele afirma que a família de Bonato gozaria dos frutos de um terreno que ficaria à disposição deste, enquanto capelão de um dos núcleos coloniais da região de Curitiba. Sobre essas vantagens Colbacchini, ao escrever a outro sacerdote do Vêneto, afirma em 21 de agosto de 1887: "*Per D. Franc. ho già determinato e provveduto per il suo collocamento in una Colonia fuor di mano vicina ad altre alle quali potrà prestare ben utile servizio, ed anche la sua famiglia si troverà ben messa*"²¹.

Com essas garantias feitas pelo padre Colbacchini, Francesco Bonato não adiou mais o seu sonho e, na data de 17 de novembro de 1887, na qual cumpria a função de capelão junto à paróquia da localidade de *Longara*, por meio de pedido feito à *Propaganda Fide* (Congregação para a Evangelização dos Povos), obteve da Diocese de *Vicenza* a autorização para exercer sua missão no exterior, tendo como destino genérico a América. Assim, padre Bonato saiu de *Genova*, no início de dezembro de 1887, no Navio Giuseppe Mazzini, rumo ao Rio de Janeiro, onde desembarcou no final do mesmo mês.

Um padre *gobeto* no Brasil

Dois dias após sua chegada ao Rio de Janeiro, padre Francesco Bonato embarcou em outro navio com destino a Paranaguá, e de lá se dirigiu para Curitiba, cujos arredores formavam a região de colonização italiana no Paraná. Em 13 de janeiro, recuperado da

²¹ Para padre Francesco já determinei e provi a sua instalação em uma Colônia fora de mão perto de outras nas quais poderá prestar um bom e útil serviço, e também a sua família ficará bem colocada. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 34.

longa viagem, escreve ao Bispo de *Piacenza*, *Don Giovanni Battista Scalabrini*²², contando de sua chegada e do desejo de pertencer à nova congregação criada por ele:

*Dopo 33 (trentatre) giorni di viaggio giunsi finalmente a Curitiba, ove fui bene accolto dal M.R. Padre Colbacchini e dai coloni. Da un tragitto così lungo non poteva a meno di risentirmene per alcuni giorni, oggi poi mi trovo un po' meglio e pensai dirigerle questo mio breve scritto. Come vedrà dalla lettera del M.o R. Padre Colbacchini Egli è contento di aggregarsi alla Pia Unione di Propaganda dei Missionari, come pure anch'io, e così la prego di iscrivermi e spedirmi per posta o col mezzo del M.o R.do Don Domenico Mantese il Certificato d'iscrizione e le facoltà necessarie.*²³

Portanto, *Don* Francesco Bonato chega finalmente ao seu destino, região de Curitiba, mais precisamente ao Bairro Água Verde, na Colônia Italiana Senador Dantas, nos primeiros dias de 1888. Neste núcleo colonial habitava sua irmã Francesca e seu cunhado Antonio Gabardo. Este casal, vindo em 1877 para o Brasil, já possuía seis filhos, Paolo, Nicolau, Antonio, João Batista, Francisco e Jacob. Francisco havia recebido esse nome em homenagem ao tio que se tornou padre dois meses após seu nascimento em 20 de janeiro de 1884. Com certeza, ao ver que realmente estavam todos bem estabelecidos e progredindo economicamente, Pe. Bonato percebeu que havia tomado a decisão certa e que a vinda dos outros membros da família era só uma questão de tempo. Como se vê pela carta, assim que chegou, uniu-se aos trabalhos do missionário *scalabriniano* de *Bassano del Grappa*, que, desde 1886, atendia a todos os imigrantes italianos da região. Lemos também que o recém-chegado desejava ingressar na

²² O monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, Bispo de Piacenza, foi o fundador do instituto para prestar assistência espiritual aos italianos emigrados, oficialmente criado em 1887, primeiramente como uma obra vinculada à Propaganda Fide, órgão da Santa Sé. Somente em 1895 o mesmo foi elevado à condição de Ordem Religiosa com a aprovação do papa e a elaboração de um regulamento próprio pelo seu fundador. Pietro Colbacchini, que antes era só mais um sacerdote diocesano e missionário apostólico vindo para o Brasil com autorização da Cúria Romana, aderiu a essa organização, ou seja, se tornou um *scalabriniano* em 1888. Conf. TERRAGNI, Giovanni. *Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati. Aspetti istituzionali 1887-1905*. Roma: autorinediti, 2014.

²³ Após 33 dias de viagem cheguei finalmente a Curitiba, onde fui bem acolhido pelo R. Pe. Colbacchini e pelos colonos. Após alguns dias de ressaca, hoje me encontro um pouco melhor, e pensei endereçar-lhe esta carta. Como verá pela carta do M. R. Pe. Colbacchini, ele está muito contente em agregar-se a Pia União dos Missionários, como também eu, e, portanto, peço-lhe inscrever-me, bem como expedir-me pelo correio ou por meio do Pe. Domingos Mantese o certificado de isenção e as faculdades necessárias. (Tradução nossa). BONATO a SCALABRINI, 13 de janeiro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 42.

congregação criada por Scalabrini, o que se confirma no que escreve Colbacchini, aos 6 de março de 1888:

D. Francesco Bonato giunse qua negli ultimi di 10bre. Ora sta bene, ma per un mese si trovava indisposto. Fece la imprudenza di viaggiare in terza classe e di mettersi poi alle condizioni degli immigranti. Perciò sofferse di tutto. [...] Risiede da tempo nella sua residenza. Egli non potrà essere molto utile alla nostra opera stante la sua difettosa costruzione e la poca esperienza che ha del ministero, ma se si conserva nello spirito che ora ha potrà esserci di ajuto, aggregandosi come è suo desiderio alla Cong.ne. Per aggregarlo vorrei in prima aspettare che la sua famiglia venga qui, per vedere se è vero ciò che mi scrive Mgr. Cavedon Vig. G. di Vicenza, che cioè non sia egli venuto qui per il fine che doveva, ma per non separarsi dai suoi.²⁴

Esta última carta traz uma riqueza de detalhes importantes para a presente pesquisa, pois revela muito sobre o caráter do nosso investigado. São indícios que nos fizeram descobrir algumas das realidades enfrentadas por ele, e que, certamente, pautaram as suas ações e escolhas. Uma primeira informação, que chama bastante atenção, é o fato de o sacerdote ter viajado na terceira classe, ou seja, junto dos outros imigrantes. Mesmo podendo arcar com as despesas de melhores acomodações na viagem transoceânica em direção à América, parece-nos que o referido padre fez a opção de viver a experiência tanto dos seus familiares como daqueles para os quais serviria de pastor.

Outra informação, é que Francesco Bonato, na condição de capelão de um dos núcleos coloniais da região, já estava residindo na casa providenciada para ele. Sendo assim, já teria avisado aos seus familiares, que ainda estavam do outro lado do Atlântico, dizendo que as promessas do padre Pietro Colbacchini, agora seu superior direto, eram verdadeiras, e que podiam vir mais tranquilos para o Brasil, pois moradia não seria

²⁴ Pe. Francesco Bonato chegou aqui nos últimos dias de dezembro. Agora está bem, mas por um mês se sentiu indisposto. Fez a imprudência de viajar na terça classe e de colocar-se nas condições dos imigrantes. Por isso sofreu de tudo. [...] Reside há tempo na sua residência. Ele não poderá ser muito útil à nossa obra devido a sua defeituosa construção e a pouca experiência que tem do ministério, mas se se conserva no espírito que agora tem poderá servir de ajuda, agregando-se como é o seu desejo a Congregação. Para agregá-lo queria antes primeiro esperar que sua família venha aqui, para ver se é verdade aquilo que me escreveu Monsenhor Cavedon, Vigário Geral de *Vicenza*, que le não teria vindo aqui para o fim que devia, mas só para não se apartar dos seus. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 06 de março de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 44 e 45.

problema. Todos sabiam do deslocamento familiar, tanto que Bonato era acusado por uma autoridade católica do Vêneto de não ter imigrado para o Brasil para cuidar espiritualmente dos conterrâneos, mas simplesmente para ficar junto dos seus familiares. Mas o que mais nos intrigou neste trecho de correspondência foi a descrição de que nosso sujeito histórico possuía uma defeituosa construção. O que significariam essas palavras? Tratava-se de alguma característica física ou de personalidade?

Com esses indícios demos continuidade a nossa pesquisa. De acordo com o registro, no qual constam os nomes dos sacerdotes residentes no território que daria origem a futura diocese em 1895²⁵, padre Francisco Bonato (já com o nome aportuguesado) foi provisionado pelo vigário geral de Curitiba para prestar serviço religioso aos imigrantes italianos da região Timbituva, onde estava instalada, desde 1878, a colônia Antônio Rebouças. Assim, ele toma posse como capelão do referido núcleo colonial, ainda no início de 1888, como assinala o relato de Pedro Fedalto, descendente de colonos que lá se instalaram: "O dia 18 de abril de 1888 foi de festa para todos aqueles imigrantes. Diziam com maior alegria e orgulho: '*adesso gavemo el prete quá – guê zê messa tuti i giorni. Non bisogna pi andare a Campo Eargo. Que beeza. Grazia al Signore!*'"²⁶ (FEDALTO, 1978, p. 41.)

Além do núcleo já citado, padre Bonato ficou responsável, já a partir daquele ano, pelo atendimento pastoral nas novas colônias de imigrantes italianos que foram fundadas nos arredores de Timbituva: Rio Verde (hoje Mariana), Mem de Sá (atual Rondinha) e Balbino Cunha (agora Campina). Portanto, percebemos que o sacerdote que investigamos, passou a prestar serviço espiritual aos colonos de sua origem desde o momento no qual chegou às terras paranaenses, como era seu propósito. O que aconteceu, é que ele fez isso sem desistir de outro objetivo, que era oportunizar a imigração para seus familiares.

²⁵ Registro dos nomes dos sacerdotes residentes na Diocese de Curitiba, p. 1.

²⁶ 'Agora temos o padre aqui – há missa todos os dias. Não é preciso mais ir a Campo Largo. Que beleza. Graças ao Senhor'. (Tradução nossa). FEDALTO, 1978, p. 41.

Dessa forma, depois de enviar algumas correspondências acenando que tudo estava pronto para recebê-los, 10 integrantes de sua família, embarcam no Navio Lyban no dia 03 de junho de 1888, tendo como destino o Rio de Janeiro. Ao chegar ao Brasil se dirigem a Paranaguá, a bordo do vapor Rio Negro. Ali desembarcando, dão entrada na hospedaria para os imigrantes aos 08 de julho de 1888, a qual, depois de recuperados da viagem, deixam-na já no dia 14 seguinte, em direção a Curitiba.²⁷ Portanto, os familiares de Francesco Bonato se unem a ele na Colônia Antônio Rebouças, apenas 6 meses após a sua chegada. Segundo os registros, os membros da família Bonato que imigram neste momento são: Nicolò e Catterina (pai e mãe), Antonio, Angela Sebellin, Catterina e Nicoletto (irmão, cunhada e 2 sobrinhos), Giovanni, Giovanna Costa e Francesco (irmão, cunhada e sobrinho) e Elisabetta (irmã).

Pe. Francesco Bonato com sua família²⁸



Depois de procurarmos por mais rastros, que nos fornecessem informações sobre a trajetória do sujeito histórico que estamos investigando, deparamo-nos com essa foto. Se repararmos bem nela, que agora serve de fonte histórica, vemos padre Bonato junto de seus familiares, provavelmente, em seus primeiros anos de Brasil. Se observarmos mais

²⁷ Registro da Entrada de Imigrantes de 1888. Livro 455, número de Ordem 626. Arquivo Público do Paraná.

²⁸ Acervo Iconográfico da Associação Padre Alberto Casavecchia, Colombo – Paraná.

atentamente, veremos seus pais ao centro, rodeados pelos filhos e netos, tendo de um lado o filho sacerdote e do outro a filha mais nova, Elisabetta, que imigrou com 29 anos. Notamos que a mãe está sentada, o que nos faz perceber a pouca estatura da mencionada filha que está de pé. Por sua vez, percebemos que Francesco Bonato, estranhamente opta por se colocar atrás na foto, ao mesmo tempo em que escolhe a direção da porta. Não teria ele escolhido esta posição, na qual haveria um degrau para também disfarçar a sua pouca altura? Seria este o defeito de construção mencionado por Colbacchini?

Pois bem, ao nos debruçarmos mais atentamente sobre as memórias de Pedro Fedalto, que foi Arcebispo de Curitiba, e que escreveu um livro dedicado ao centenário da Colônia Antônio Rebouças, lemos que ao se referir ao primeiro líder religioso daquele núcleo de imigrantes italianos, ele afirma: “Padre Francisco Bonato, sacerdote do clero secular, zeloso, cheio de ardor apostólico. Por ser corcunda, o povo o apelidou: PADRE GOBETO”²⁹. (FEDALTO, 1978, p. 41). Assim, passamos a ter certeza que com as palavras ‘defeituosa construção’, Colbacchini estava se referindo à estrutura física de Bonato. Mas, muito mais que isso, compreendemos qual foi possivelmente o empecilho para o personagem histórico não ter conseguido contrair um matrimônio, fazendo-o optar, aos seus 24 anos de idade, pela vida sacerdotal.

Contudo, Francesco Bonato não enxergou em seu problema físico impedimento algum para poder auxiliar espiritualmente os seus conterrâneos instalados no além-mar, ao mesmo tempo em que proporcionou a vinda de seus familiares para o Brasil. Porém, Colbacchini, como seu superior direto, afirmou em inúmeras cartas que a fisionomia de Bonato era um incômodo para ele e sua missão: “*D. Franc. Bonato poco mi può aiutare, sia per la sua costruzione fisica che non mi permette (in questo paese) di esporlo a dileggi a danno della missione, sia della poco fondata esperienza che egli ha del ministero*”³⁰. O

²⁹ Padre corcundinha. (Tradução nossa).

³⁰ Pe. Francisco Bonato pouco pode me ajudar, seja pela sua construção física que não me permite (neste país) expô-lo a zombarias que trariam danos a missão, seja pela pouca experiência adquirida que ele tem do ministério. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 03 de julho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 65.

missionário *scalabriniano* narra inclusive que proibiu seu colega de se deslocar para o ambiente urbano da capital paranaense:

*Gli proibii poi di portarsi nella città di Coritiba, che di qua dista circa mezz'ora, per non esporre al pericolo Lui, me e la missione italiana, in una città dove non ha nulla di religione e manco di civiltà, in considerazione di ciò che mi venne riferito esser avvenuto tutte le volte che egli là si mostrò. [...] Nuovamente, e questa volta esplicitamente gli proibisco di più portarsi in Coritiba senza la licenza del Superiore, sotto pena di non considerarlo più ascritto alla Congregazione nostra.*³¹

Apesar dos constantes aconselhamentos de Colbacchini para não se expor com muita frequência, Pe. Bonato ignorou seus próprios defeitos físicos, sua baixa estatura e a corcunda que possuía, que poderiam ser causa de isolamento, e continuou frequentando todos os ambientes da cidade, colocando sua missão em prática, porém de seu modo particular. A deficiência física não foi um impeditivo para que a Igreja lhe permitisse ser um padre secular, mas essa característica, somada a sua desobediência ao superior da missão aqui no Paraná, foram sim motivos dele nunca ter sido aceito como religioso na congregação *scalabriniana*. Ou seja, é possível perceber nas entrelinhas, que além da fisionomia, o *modus operandi* do sacerdote incomodava Colbacchini. Isso fica evidente no escrito que segue:

*Di più, ripetutamente gli avea detto che limitasse il suo zelo alle due Colonie a lui destinate e non si occupasse punto della Col. di Campo Comprido meno la S. Messa che una volta per mese poteva colà celebrare. Egli invece a mia insaputa fu a Campo Comprido e si fermò tre giorni facendo da Paroco.*³²

³¹ Proibi-lhe, pois, de se dirigir à cidade de Curitiba, que daqui dista cerca de meia hora, para não expor ao perigo ele, a mim e a missão italiana, em uma cidade onde não existe nada de religião e menos ainda de civilidade, em consideração daquilo que me disseram ter acontecido todas as vezes que ele lá se mostrou. [...] Novamente, e esta vez explicitamente, proibi-lhe de dirigir-se a Curitiba sem a licença do Superior, sob pena de não o considerar mais inscrito em nossa congregação. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 61.

³² Muito e repetidamente lhe tinha dito que limitasse o seu zelo as duas Colônias a ele destinadas e não se ocupasse, sobretudo, da Colônia de Campo Comprido, a não ser da Santa Missa que uma vez por mês podia lá celebrar. Ele, ao invés, sem meu conhecimento foi a Campo Comprido e permaneceu por três se fazendo de pároco. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 01 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 52.

É perceptível que havia comportamentos que incomodavam o superior, dentre eles a amizade e o bom relacionamento que o subordinado mantinha com os italianos, incluindo os do meio urbano que possuíam comércio. Isso fica claro no trecho a seguir:

Siete stato visto da Mattana a bere con lui ed assistere al di lui sporquiloquio (sic). Questo fatto è un codicillo ed una conferma della accusa che il P. Alberto vi fece presso il P. Polacco di Campo Comprido, qualificandovi um padrinho a toa que beve e brinca com os seus italianos (de màa vida) nas tavernas escandolezando a todos22! Sono queste le parole che di voi mi vennero riferite, con vostro e mio grande dolore. Quello che mi spiace è che non sono calunnie, perché di ciò ne avete dato motivo tante volte, ad onta della proibizione che avevate di portarvi in città, e specialmente di tenervi in relazione con quell'empio che chiamate vostro amico.³³

Portanto, padre Francesco Bonato teve que lidar desde o início com as constantes repressões de Colbacchini, porém isso não o impediu de cumprir com os seus propósitos, tanto que aos poucos foi ganhando a confiança das autoridades eclesiásticas locais. Prova disso, é que de 1892 a 1894, ficou como responsável da Paróquia de Campo Largo, atendendo também aos católicos brasileiros e imigrantes de outras etnias. Em 1894, quando Colbacchini por motivo de saúde e perseguição política teve que retornar para Itália, padre Bonato, mesmo não sendo *scalabriniano*³⁴, ficou responsável pela Capelania Italiana de Curitiba (AZZI, 1986). Sendo assim, no período de um ano atendeu sozinho a todas colônias que pertenciam a ela.

Com a reformulação da citada capelania, que cuidava dos núcleos de colonos italianos da região, devido à chegada de dois novos padres enviados por Monsenhor

³³ Foste visto com Mattana a beber com ele e assistir ao seu mal comportamento. Este fato é a prova e a confirmação da acusação que Pe. Alberto vos fez junto ao Pe. Polaco de Campo Comprido, classificando-o como um padrinho à toa que bebe e brinca com os seus italianos de má vida nas tavernas escandalizando a todos! São estas as palavras que sobre vós me foram referidas, para vossa e minha grande dor. Aquilo que mais me desagrada é que não são calúnias, porque para isso deste motivo tantas vezes, contrariando a proibição que tinhas de dirigir-se a cidade, e especialmente de manter contato com aquele ímpio que chamas de vosso amigo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 13 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 56.

³⁴ Para saber mais sobre a origem da Congregação *Scalabriniana* e sua vinculação ideológica com a romanização, consultar MACHIOSKI, F. L. *Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)*. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

Scalabrini a pedido de Colbacchini, Bonato retornou para as colônias de Campo Largo, em 1895. Mas por pouco tempo, pois aos 28 de outubro daquele mesmo ano, o bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, achou por bem nomeá-lo como cura da vila do município de Colombo, ex-colônia Alfredo Chaves, para onde se mudou definitivamente no mês de dezembro. Assim relata o Livro Tombo I da referida paróquia:

Havemos por bem erigir ali, como de fato ereto fica, pelo presente ato oficial, um curato, com todos os privilégios e regalias de direito, tendo como limites os mesmos limites do Município, e este até que observadas as prescrições canônicas seja possível a elevação de Curato à categoria de Paróquia. E para este fim damos Comissão ao Revmo. Padre Francisco Bonato a fim de que possa instalar este novo curato.³⁵

Aos 18 de janeiro de 1896, por designação do Padre Francisco Bonato, o Bispo Dom José nomeou uma comissão para a construção da nova Igreja Matriz. Esta comissão era formada por sete brasileiros e sete italianos: Benedito Eleutério Cabral, Emanuel Gomes Pereira, José Francisco da Silva, Ildefonso José de Camargo, Benedito da Costa Cabral, Theolindo da Silva Monteiro, Januário Prestes de Araújo, João Batista Lovato, José Cavassin, Jeronimo Cavalli (Mea), Francisco Busato, Pedro Brotto (de Andreatta), Domingos Ceccon e Angelo Bertolin.³⁶

*Padres Francesco Bonato e Natal Pigato com imigrantes italianos de Colombo*³⁷



³⁵ Livro Tombo I do Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo, 1895, p.1.

³⁶ Idem., p. 2.

³⁷ Acervo Iconográfico da Associação Padre Alberto Casavecchia, Colombo – Paraná.

O que chama bastante a nossa atenção é que padre Bonato envolve, nos trabalhos de construção da nova Igreja deste ex-núcleo colonial italiano da região, não só os imigrantes, mas também brasileiros, valorizando a participação dos nacionais na comunidade. Por sua vez, a primeira visita oficial do Bispo ao novo curato se deu a partir do dia 04 de agosto de 1897 e durou até a metade daquele mês. Nesta oportunidade, Dom José pode visitar todas as capelas que vieram a compor o Curato de Colombo, que na época eram todas as que existiam dentro dos limites do município. O itinerário consta no termo da visita episcopal que segue:

Partimos de Curitiba no dia 04 do corrente, às 11 horas da manhã, e depois de duas horas de viagem, chegamos, sendo festivamente recebidos pelo Revmo. Cura Pe. Francisco Bonato e por todos os habitantes que, aglomerados em frente a matriz, começaram a beijar o anel episcopal. No dia 06, acompanhado pelo digno Cura e muitos cavaleiros, fomos visitar a Capela da Colônia Antonio Prado, cujos habitantes nos receberam com muita solenidade... No dia 09, acompanhado pelo Revmo. Cura e muitos outros amigos, fomos visitar a Capela de Nossa Senhora da Saúde da Colônia Faria e a de São Sebastião na Ressaca... Em nossa viagem da Vila de Colombo a Bocaiúva, de passagem visitamos as Capelas do Espírito Santo e São Pedro, que se acham ao lado da estrada de Colombo a Bocaiúva...³⁸

Dessa forma, padre Bonato realiza seu desejo de continuar prestando auxílio aos seus conterrâneos, ao mesmo tempo em que, na condição de pároco, passa a atender também aos nacionais que residiam na jurisdição a ele confiada pela autoridade episcopal. Da mesma maneira, ele deixa de estar sob as ordens de Colbacchini, que mesmo distante queria controlar a missão italiana na região de Curitiba, como percebemos em carta enviada a Bonato:

*Già da tempo sapevo della vostra nomina a Cura di codesta Villa Colombo. Pregherò Iddio che compia nel bene i vostri desideri. Il più buono per voi è il trovarvi 50 Kil. lontano dai vostri. Se fossero più sarebbe anche meglio. I colombesi vi hanno bene accolto; ciò è buon preludio... Coi brasiliani siate ancora più circospetto. Non vi fidate di loro, e tenetevi con loro con un certo mistero. Essi saprebbero più abusare della vostra bontà e condiscendenza, che approfittarsi del vostro zelo.*³⁹

³⁸ Idem., p. 23.

³⁹ Já faz tempo que eu sabia de vossa nomeação como Cura desta Vila de Colombo. Pedirei a Deus para que cumpras bem os seus desejos. O melhor para vós é permanecer 50 km longe dos parentes. Se fosse mais seria ainda melhor. Os colombenses vos acolheram bem, isto é um bom começo... Com os brasileiros

Nesta carta, Colbacchini além de demonstrar seu desprezo aos brasileiros, cita que a distância dos parentes era algo bom para a nova missão que Bonato estava assumindo, imaginando que todos os seus parentes haviam permanecido na Colônia Antônio Rebouças, em Campo Largo. Porém, por meio dos assentos paroquiais e das memórias dos descendentes de italianos de Colombo, foi possível saber que os pais do padre e uma irmã também se mudaram com ele.⁴⁰ Segundo a memória coletiva da comunidade, Elisabetta (Beta), a irmã mais nova de Francesco Bonato, também possuía algum tipo de deficiência, e por esse motivo teria ficado sob a proteção do irmão sacerdote após a morte de seus pais. O que nos impele a aceitar essa hipótese, de que de fato a sua irmã mais nova também tivesse alguma deficiência, é que esse seria um grande motivo que levou o personagem por nós investigado a se preocupar, proteger e permanecer sempre ao lado de seus familiares, sobretudo, após sua vinda para a América.

Considerações finais

Segundo o Livro Tombo II, da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo, padre Francesco Bonato morreu na noite do dia 13 para o dia 14 de maio de 1913. Sobre seu falecimento encontramos o seguinte registro no informativo da Arquidiocese de Curitiba que circulou naqueles meses:

Morreu o Pe. Bonato no meio do povo, pelo qual trabalhou com zelo, durante dezessete anos. De estatura pequena, pequeníssima mesmo, sabia e soube fazer-se grande na pregação, quando, devorado pelo zelo, apostrofava o mal, ou quando incansável e invencível, percorria o território que lhe estava confiado, em busca de almas, ou quando como que por encanto, fez surgir em Colombo, núcleo simples colonial, um dos mais belos templos da diocese de Curitiba e do Estado do Paraná.⁴¹

seja mais prudente. Não confieis neles, e mantenha com eles um certo mistério. Eles saberiam mais abusar da vossa bondade e condescendência que aproveitar do vosso zelo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 25 de janeiro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 439.

⁴⁰ De acordo com os registros de óbitos da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, a mãe Catterina Bonato falece em Colombo no dia 08 de julho de 1901. Já o pai Nicoló Bonato morre em 19 de dezembro de 1902. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

⁴¹ Boletim da Diocese de Curitiba, 1913, p. 16.

Além desta homenagem por parte da diocese, que descreve a postura e enaltece a figura do padre Bonato, queremos apresentar um último extrato de carta, escrito em bom português pelo imigrante Giovanni Battista Lovato, no qual descreve as impressões que o referido sacerdote havia deixado entre os italianos de Colombo:

Muitas vezes, nós, que somos da Igreja lembramos com lágrimas os velhos tempos felizes da velha igreja e, nestes últimos também dessa nova, as piedosas e alegres festas, funções religiosas com os nunca esquecidos padre Pedro Colbachini, Francisco Bonato e ultimamente por três o Pe. João Morelli. Lembramo-nos da igreja sempre repleta de fiéis e, agora, tudo está mudado [...] O atual cura conhece pouco ou quase nada das necessidades espirituais e morais do povo. O falecido conhecia. [...] Consta como Vossa Excelência nos fez cientes, que este padre é muito estudado, com muito talento, que faltava muito ao nosso Cura Padre Bonato. Mas para ser Cura e lidar com o povo servia muito bem de mestre ao atual por tudo que fazia, e até por dois, por seu tirocínio e qualidade de padre.⁴²

Essa última declaração, feita por um colono que conviveu com padre Francesco Bonato, assim, como toda a trajetória aqui narrada, leva-nos a discordar de Azzi (1986), que o classificou apenas como um colaborador, pelo simples fato de Bonato não ter ingressado oficialmente no Instituto *Scalabriniano*. Defendemos a ideia que padre Bonato, mesmo encontrando muitas adversidades e constantes repressões por parte de Colbacchini, foi um importante protagonista do processo histórico da imigração que ocorreu no entorno de Curitiba, que hoje podemos chamar de região de colonização italiana do Paraná.

No decorrer da pesquisa, pudemos perceber que o personagem investigado reuniu características de mediador e intelectual orgânico, tanto como porta-voz da divindade como dos seus compatriotas vênnetos, incluindo os seus familiares. Essa realidade nos aponta para como era o universo do fenômeno e/imigratório, desde a terra de origem até o estabelecimento na nova pátria. Ao acompanhar os passos de um padre pertencente ao clero rural do norte da Itália, foi possível perceber como ele articulou a sua própria viagem, e posteriormente a vinda de sua família, ao mesmo tempo em que

⁴² Carta do imigrante italiano Giovanni Battista Lovato a Dom João Francisco Braga, 14 de março de 1914. Arquivo da Arquidiocese de Curitiba.

veio atender a uma necessidade dos conterrâneos que se aventuraram a “*far la Mérica*”⁴³ Particularmente, a pessoa de Francesco Bonato foi, nesse sentido, além de excepcional, um excepcional-normal, ou seja, um excepcional que conseguiu ser normal.

Referências bibliográficas

- AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.
- CARVALHO, Rosane Aparecida Bartholazzi de. *Os italianos no noroeste Fluminense: estratégias familiares e mobilidade social, 1897-1950*. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.
- CUCCHINI, Chiara. *A Proposito di Agente di Emigrazione: La vicenda di Don Angelo Cavalli, Parroco, Agente ed Emigrante (1872-1879)*. Tesi (Laurea in Storia). Università degli Studi di Padova, 1996-1997.
- FEDALTO, Pedro. *O centenário da colônia Antônio Rebouças*. Curitiba: Gráfica Voz do Paraná, 1978.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRENDI, Edoardo. *Il cervo e la repubblica*. Il modelo ligure de antico regime. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1993.
- GROSSELI, Renzo. *Vencer ou morrer: camponeses Trentinos (Vênetos e Lomabardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

⁴³ Fazer a América. (Tradução nossa).

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: *Micro-história, trajetórias e imigração*. Vendrame, Karsburg, Weber e Farinatti (Org.s). São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 32 -52.

LEVI, Giovanni. *Centro e periferia di uno stato assoluto: tre saggi su Piemonte e Liguria in età moderna*. Turin: Rosenberg & Seller, 1985.

LIMA, Espada Henrique. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LORENZONI, Júlio. *Memórias de um Imigrante Italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MACHIOSKI, F. L. *Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)*. 201 p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MARTINI, P. Giuseppe. *Origine e sviluppo della colônia Santa Felicidade*. Curitiba: 1908.

MOLETTA, Susete. *Da Itália para o Brasil*. Porto Alegre: EST, 2002.

PEREIRA, Syrléa Marques. *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*. Tese (Doutorado em História) Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

POSSAMAI, Paulo César. “Dall’Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2004.

TERRAGNI, Giovanni. *P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901. Corrispondenza e scritti*. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

VENDRAME, Máira Ines. *“Lá eramos servos, aqui somos senhores”: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins (1877-1914)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. *O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre camponeses italianos (Brasil- Itália)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

_____. Em busca da “República de Deus”: revoltas camponesas e agentes da emigração no norte italiano (século XIX). *Tempo*, Niterói, v.23, n.1, p.22-42, 2017.

VILLA, Deliso. *Storia Dimenticata*. Porto Alegre: EST, 2002.